

FANTOCHES

BASTIDORES DA POLITICA E DOS NEGOCIOS

DIRECTOR E EDITOR

ROCHA MARTINS

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO, Rua do Alecrim, 65 — LISBOA — Telefone 2440-C.

O Senhor Teixeira Gomes versejador

Uma manha à mr. Jourdain — O que é a comoção — Um vate sem se sentir — A vingança dos jornalistas — A intervenção do sr. dr. Julio Dantas

*Só me resta o recurso do coração
para dizer a imensa gratidão
com que saio desta admiravel cidade
do Porto e a imensa saudade
que se me aviva dos dias da mocidade*

Isto, que parece verso, foi escrito, no Porto, pelo senhor presidente da republica como se fosse prosa. Como se fosse prosa não, pois acabava assim: *que aqui passei*. Este *que aqui* desonraria um nome literario se os chefes dos estados como o nosso fossem susceptiveis de saber escrever.

Imaginar-se-ha que tais palavras foram lançadas dos presidenciaes labios num momento de delirio popular quando s. ex.^a, tremulo de comoção, deixava voar à vontade sua fantasia. Não, meus senhores, primeiro porque — embora pese ao policia que acompanha o chefe do estado — não houve delirios, segundo porque foi num livro de honra dum dos mais brilhantes jornaes portuenses — *O Primeiro de Janeiro* — que ficaram traçadas por sua letra semelhantes impressões.

Deixal-as-ia passar sem reparo, tanto mais que s. ex.^a abriu o verso com uma desculpa, se um guarda do sr. Teixeira Gomes não tivesse, em nome da sua comitiva, insultado um meu camarada de imprensa, que

desconheço, mas que basta pertencer a este barco em que todos remamos para merecer a minha defeza.

O policia ameaçava com a sua autoridade, com o seu revolver, o seu apito, o seu casse-tête, eu executo, e já, com a minha arte, com esta pena, alguma tinta e o meu infinito desdem pelos penicularios dos presidentes que mandam ameaçar jornalistas. Eu te-lo-ia chamado para diante de testemunhas e, de homem para homem, dar-lhe-ia o presente para quem o incumbira da embaixada. Não hei-de perder para a historia o nome do recadeiro, como não perco nem o verso que aí fica quando queria ser prosa nem a prosa que findava com o *que aqui* e começava com esta frase oferecida a um aluno de instrução primaria para troçar de qualquer colega de sua bancada:

«Já com o cerebro inteiramente delido — 12 horas da noite de um um dia trabalhoso».

De ha muito eu pensava que o lamentavel facto se dera; segredava-se aí pelos *cafés*, vinha em revôos até ás redações, balbuciava-se nos comboios e nos electricos, mas eu julgava tudo intriga dos inimigos do sr. Teixeira Gomes, que, sendo um desconhecido quando foi eleito, se tornou antipatico aos portuguezes desde que veio para aqui como um alto comisario inglês. Não acreditava, não, embora eles o dissessem, mas aquela confissão do proprio garante-me a veracidade dos boatos. Dizia-se que o sr. presidente da republica não tinha cerebro. Eu, como sou muito legalista, procurei na Constituição se era obrigatorio um cerebro para o chefe do estado. Não havia lá cousa alguma nesse sentido e, por consequencia, ele podia continuar a dirigir os destinos da republica mesmo após o seu desabafo:

— «Já com o cerebro inteiramente delido...»

Delir — segundo o sr. Candido de Figueiredo — é o seguinte:

Desfazer, apagar; destruir. Até cita um exemplo: o tempo dilui a pintura.

Logo, era verdade: o cerebro do sr. presidente estava *delido*; era ele quem o afirmava e, para não haver duvidas, asseverava que «*inteiramente.*»

Não restava mais esperanças de voltar a possui-lo. Desfizera-se, apagara-se, destruíra-se. O que nós viamos, era apenas a parte externa, uma caixa coberta de pelos brancos que servia para pôr um chapéu alto. O resto, o cerebro, o miolo, *delira-se*.

Isso tambem — embora não houvesse a confissão — confirmar-se-ia ante o seguimento da frase, dessas seis linhas e um terço que *A Tarde* publicou e nas quaes nos chegava a tristissima evidencia.

Ele continuava assim: «12 horas da noite dum dia trabalhoso.»

Desde os pobres guardas das cancelas dos comboios até aos creados dos *restaurants*, toda a gente sabe que não ha 12 horas da noite, mas sim 0 horas e daí se começa a contar, isto seguindo as officiaes tabelas

da republica e as 12 são do dia, trabalhoso ou não. Naturalmente; aquella ideia do zero apavorou o chefe da nação desde que sentiu o ôco de seu cerebro delido e não quiz referir-se-lhe com todo o escrupulo dum doente ao evocar a sua enfermidade.

Depois succedeu-se o verso nas linhas direitas — nas que chegam até ao fim do papel, como desejava o estúpido capitão-mór da *Morgadinha de Val-Flôr* — e que nunca é demasiado assignalar:

*Só me resta o recurso do coração
para dizer a imensa gratidão
com que saio desta admiravel cidade
do Porto e a imensa saudade
que se me aviva dos dias da mocidade*

Seguiu-se o verso e seguiu-se a certeza cabal de que o inicio das frases dedicadas ao *Primeiro de Janeiro* — ao tão literario jornal — não eram mais do que a prova das afirmações nelas contidas.

E agora, até certo ponto explica-se aquella ideia de mandar um policia intimar um jornalista a escrever mentiras, aquellas ameaças de não responderem por sua vida se não as dissesse, aquella noticia de que sua maneira de escrever desagradava ao sequito e ao proprio senhor presidente.

Pois a mim tambem me desagrada, como cidadão, a forma porque s. ex.^a escreve, de que fica aí a amostra, e como não tenho policia para lho irem dizer assevero-o aqui, firmemente, não porque me interesse sua prosa, mas porque é s. ex.^a quem assigna todos os diplomas literarios neste país desde as cartas de bacharel até aos decretos de grans cruces de Merito Literario, Scientifico e Artistico.

É só por isto a minha queixa, o conselho para se chamar immediatamente a Belem o meu illustre confrade dr. Julio Dantas, não para formar governo — crédo! — mas porque desde que escreveu aquele celebre livro *Pintores e Poetas de Rilhafoles*, é o especialista requerido para o caso presente.

O "crime" do camarada Onofre

Os dois rebeldes—Duas lomes que se passeliam
—A obsessão de matar—Um golpe estranho—A
pele do burguez é a peliça

O camarada Onofre levantára-se, naquela manhã, mais que nunca desiludido da sociedade. Sofrêra flagelos enormes e sendo um operario honrado e sério chegara áquella altura da vida sem ter amealhado um ceutil e sem esperanças no futuro. Na sua qualidade de estucador, trabalhára em magnificos palacios e estabelecimentos de grande luxo, nos quais, agora, nem o deixavam assomar às portas; as filhas, pequenas em demasia para o jugo do trabalho, andavam a esmolar, êle não encontrava que fazer, a mulher na cama, doente, e o raio da existencia a espicaçar-lhe as rebeldias! Onofre era socialista, bom homem, moderado, mas excitava-se com os discursos dos chefes, clamava contra as desigualdades, sentia-se com o seu direito a um grande naco de pão molhado em café e, no fim, só tinha a agua dos marcos fontenarios e de suas lagrimas.

Naquele dia o proletario saiu decidido a arrebentar com a sua passividade. Queria ir para a cadeia, mas ao menos por ter praticado um acto viôlento sobre um dêsses felizes da sorte que jámais sentiram as amarguras que êle provava.

Ia pela Avenida abaixo, revolvendo uma navalha de mola na algi-beira das calças, não porque fôsse faiente mas porque lha tinham dado a guardar num dia de rusga, em que se escapuliu do café *Marcial*; descia, sob as arvores tristes, enfriorado, o nariz vermelho a pingar e os dedos dos pés às topadas nas pedras. Na sua frente, vestido numa boa peliça, fumando cigarro aromatico, seguia um homem alto, de chapêu de côco, revolteando a bengalinha.

E o Onofre pôs-se a imaginar quão feliz era aquele burguez que, metido num casaco forrado de peles, o ar satisfeito de quem comia tudo quanto desejava, marchava — por essa hora do meio-dia — em que êle já andava farto de calcurriar — para algum bom emprêgo ou para algum belo *restaurant*.

Tornára-se uma obsessão êsse vulto bem vestido e a navalha era apertada com mais furia ainda desde que aspirava as baloradas do cigarro elegante do sujeito. De quando em quando queria desviar-se, ir-se embora, mas não podia, e assim foi até ao Chiado, onde o outro entrou na Garrett e ficou a almoçar.

Vadiou no largo; trocou duas palavras com um camarada da construção civil que lhe emprestou dez tostões; comprou um pão, meteu-o debaixo do braço, começou a devorá-lo, sempre alucinado pela idéa daquele individuo, que seguira sem saber porquê, e, ao pensar nele, viu-o sair do *restaurant*, entre as vénias dos criados, e começar a descer o Chiado para entrar na Arcada, onde falava a um e outro. O operario levava o seu empurrão mas nem inquiria de saber quem lho dava. Importava-se tanto com isso como em averiguar qual a identidade do janota que a sua navalha cubiçava. O outro entrou nas Finanças; gafu; dirigiu-se à rua dos Capelistas, andou por ali até que, novamente, se dirigiu para o Chiado e se foi meter na *Garrett* a tomar o seu chá.

Devia ser um alto empregado do Estado, um destes seres nascidos dos acasos da politica, alçados à fôrça de se mostrarem, ôcos, sonoros, e que pretendem talhar largamente o seu quinhão. Era esta a idéa que o pobre socialista fazia daquele senhor com o qual já embirrava, como se lhe tivesse feito um grande mal. Primeiro fôra a peliça que o irritára, de seguida o modo feliz, depois o seu ar, por fim, tudo quanto emanava e sentia afrontoso para êle, Onofre, e para todos os outros que não viviam assim.

Mas porquê se pegára áquele de preferencia a outros dos muitos que vestem bem, se instalam nos magnificos *restaurants*, usufruem emprêgos excelentes, fazem da vida um gôso?

Não sabia; apenas constatava que não o podia largar, e, comida a ultima migalha do seu pão, bebido um golo de agua, num apalpão mais violento da navalha, decidiu que aquele não lhe escaparia. Parecia que o ofendêra gravemente. Os seus olhos lusiam; espreitavam-no a beber golos dourados de chá, ao som da orquestra tocando uma valsa de Franz Lehar.

— Oh! Tinha que ser!

E colou-se ao homem, foi como a sua sombra, ligou-se aos seus passos, decidiu-se a tudo. Assim o acompanhou pelo Chiado, ao vê-lo acenar com dois dedos aos seus emulos janotas do Marques; subiu a Avenida no seu encalce, pronto a saltar para as trazeiras dum automovel, se êle o tomasse. Mas não. O feliz, como se fôsse um dos familiares dos almoços presidenciais e cultivasse os habitos do sr. Teixeira Gomes, marchava num passo elastico, higienico, de inglesa preceptora.

Viu-o entrar num magnifico predio e esperou; aguardou-o a distancia, apertando bem a faca, e lobrigou-o, na mesma sensação de felicidade,

na mesma despreocupação de quem vive dum bom e pouco trabalhado emprêgo a descer para o seu *club*. Devia envergar casaca sob a peliça esplendida.

Onofre enregelava; o pão dessa manhã já fôra esmoído, e, agora, via tudo à roda, agarrava ferozmente a navalha, sentia-se impellido àquele unico gesto de matar, quando, de repente, tomando a porta, metido no casaco, appareceu o seu desconhecido, o que representava para êle o goço duma existencia. Desta vez fazia um gesto a chamar um automovel para se salvar da chuva que caía. Dum salto, o Onofre, bem de frente, atirou-lhe a lamina à peliça, rasgou-lha e ao peitilho. Ouviu-se um gritou, sentiu-se preso. O homem desmaiára no impulso; sofrêra apenas um arranhão, e, no dia seguinte, o camarada, no seu calabouço, barafustava quando lhe vinham dizer:

— Ó diaho, atiraste ao chefe novo, a um que aderiu e é da corda...

— Raios — berrou o Onofre — Eu não tenho culpa. Ele é que andava metido naquela pele de burguez!

As queixas do dr. Magalhães Lima

Os brados de consciencia — Os motivos do aumento dos republicanos — Razões superiores do seu "civismo," — As bases do regimen — Duas especies de postas

O dr. Magalhães Lima, ao cabo de cincoenta anos de muitas luctas pela republica, acaba de soltar o seu brado desolado e sincero não só diante de mim — pois já por vezes sem conta lhe escuto as queixas e as indignações — mas na presença dos *Libertadores*. São os componentes deste grupo, republicanos autenticos, de condições diferentes, e que teem oferecido ao seu ideal dinheiro ou sangue e alguns ambas estas desobrigas dolorosas.

O que o grão-mestre da Maçonaria — encanecido na lucta — exteriorisou agora, está farto de o proclamar aos intimos e faz pena que, revestido da sua autoridade, e existindo no regimen milhares de descontentes, ainda seja preciso fazer tal propaganda. Logicamente já se devia ter liquidado esse sistema devorista que fez de Portugal um estabelecimento da Moagem, dos ministros, deputados, senadores e altos funcionarios os seus caixeiros, os seus agentes, os seus viajantes, os seus lacaios. Todavia, de hora para hora, aumentam os gritos de viva a república. A pretextò do aniversario duma esquadra de policia, da fundação dum centro, dum presidente caro que se mostra, duma escolta remendada que passa, ouve-se o brado ao qual respondem alguns individuos. São, geralmente, uma centena, mas o resto não protesta. O que eles saúdam é este caos, porque se fosse outra forma a desejada acrescentariam aos seus vivas alguma cousa, ou muda-los-fam. Mas não. O que os manifestantes querem, é isto. Debalde o sr. Magalhães Lima, o sr. Pinto de Lima, o sr. Martins Junior, muitos outros republicanos, dizem frases terriveis contra os poderes do estado. Ninguem os quer ouvir. O que apetece é a balburdia, o vigarismo, a confusão e por isso tudo podem tentar que serão vencidos.

As razões é que esses paladinos desconhecem; os motivos de sua

derrota e do numero crescente dos satisfeitos é que eles não atingem, mas nós tentaremos esclarece-los.

Não resta duvida àqueles cidadãos que todos os que batem no peito em honra da republica não são republicanos. Se o fossem, na hora em que a monarchia trazia para a rua as suas tropas elas logo se teriam pulverizado, primeiro porque os galhardos officiais—hoje tão firmes em sua crença—teriam proclamado a republica, segundo porque os cidadãos seriam tantos em torno dos aterrados soldados que não os deixariam mexer. A republica nasceria dum abraço, ali no Rocio. Depois, quando o sr. Afonso Costa empregou a familia, a dois dias da victoria, entregando-lhe a justiça, esses numerosissimos republicanos te-lo-fam esmagado só com os seus berros. De seguida, ao annunciarem-se os escandalos que autenticos democratas, como João de Freitas, traziam à superficie, bastaria que cada um dos que hoje se dizem republicanos tivesse cuspido, no mesmo minuto, para os escandaleiros irem numa enxurrada.

Porque não se fez tudo isto? Porque a republica não tinha cidadãos mas clientelas, porque não trazia chefes de pulso firme mas vaidosos a degladiarem-se, porque não se couraçava de principios mas de maus fins, porque à falta de merecimentos de sciencia, character, inteireza, aceitava subserviencias, bandalhices, alforrequismos e não houve aventureiro que não soltasse o seu brado para que o ouvissem, que não se aproximasse com seu fim reservado. Assim se alçaram ao poder as maiores nulidades, os mais inferiores dos traficantes, os mais safados dos mentirosos, os menos convictos, os mais descarados mas como chegavam falando da republica, os que estavam abriam-lhes logares. Assim a onda dos sem-pudor triunfou.

O dr. Magalhães Lima sabe, melhor do que ninguem, como na hora da vitória me ofereceram o logar de consul geral numa republica sul-americana. Não aceitei. Eu era franquista na véspera, como podia concordar com a republica no dia seguinte, isto apesar do meu extremismo, do meu odio às plutocracias, do meu horror à injustiça? Não aceitei. Se tivesse dado esse passo, teria vergonha de mim mesmo.

Eles não solicitaram de rastos de rojo; houve quem, à falta de meritos, se declarasse *regicida!*, quem se decidisse a espancar para mostrar civismo. Metade dos empregados publicos correu a filiar-se na Maçonaria! O exercito foi desfilar diante do directorio, enquanto o não fazia perante as campas dos regicidas. E tudo isto era sincero? Não. Era o embuste, o dolo, o vigarismo. Um antigo portador de pendões religiosos surgia, agora, com os estandartes maçonicos, e era um simbolo. Sim, era um simbolo. Todos os outros arvoravam o seu pendão desde que em troca lhes dessem uma bucha, um naco, uma gorgeta. Deste modo póde ter-se uma matilha, mas nunca cidadãos; póde possuir-se

uma pocilga mas nunca uma assembleia, e porque assim é eis a razão do descontentamento dos republicanos sinceros diante dos seus correligionarios improvisados. Estes são a maioria, e tão grande que exerce a acção contraria à que o 5 de outubro teria acentuado, se já então estivessem decididos a bater-se. Formam a legião os monarchicos de baixa estofa, antigos regedores tornados ministros, directores gerais, personagens, os sargentos cobardes, os que não se bateram alçados aos comandos, os officiaes que fugiam—como um cujo nome as crónicas publicaram—guindado, já por trez vezes, ao ministerio da guerra. E um exercito tolerou-o, acatou-o, aceitou-o. Porquê? Porque a fé, a consciencia, o ideal, eram sonhos dum grupo no tempo da monarchia e a realidade é isto: o toque do rancho.

Por isso os *Libertadores* arriscam-se ou a desiludirem os centros politicos republicanos ao fazerem uma escolha de autenticos cidadãos, visto só raramente os encontrarem, ou, então, a passarem por rebeldes e até por inimigos do regimen.

A republica é um sistema onde as maiorias dominam; desde que uma minoria clama, é vencida; as vitórias são sempre para os mais numerosos. Daí o não haver outra forma de republica em Portugal, porque as vozes dos estomagos são mais que as das consciencias.

Em todo o caso, se um bamburrio tornar governo os *Libertadores*, eles devem recear mais do que os reaccionarios ás claras, os que se mascaram de bons republicanos, os que amam tanto a republica que até a comem . . . em postas, como eu faço à pescada que é um dos meus pratos dilectos mas que pago de meu bolso.

O pé de obra do sr. Camoesas

Afirmações intoleráveis — As idéas dum deputado — O moageiro ante a politica — Os governantes que os servem — O dito do sr. Norton

Um deputado — o sr. Camoesas — teve o mau gôsto de proclamar no Parlamento que os moageiros eram monarchicos, isto quando o Carvalho da Silva se levantou indignado contra êles. O que o republicano fez é o que se chama, na boa terra de Tarascon, *une gallejade* — cousa de gargalhar, de chalacear — e ainda bem que assim é, pois se houvesse um bando moageiro monarchico, eu teria de aconselhar aquilo que o *Pad Zé* achava indispensavel para o triumpho da republica: a caça ao correlligionario.

Não é assim. Os exploradores do povo pertencem ao regimen.

Suponhamos, porém, que assim não succedia, que todos os da Moagem eram realistas, que, confessadamente, o alardeavam e se desvaneciam. Que miseraveis seriam esses republicanos que os apadrinham e e lhes dão tão bastas regalias! Assim, os ministros que os tem protegido são apenas ineptos ou cúmplices a trôco de algum dinheiro; no caso contrario, êles tornar-se-hiam autenticos traidores à sua causa, enriquecendo desmedidamente, os contrários, roubando ao país para lhes dar a comer, produzindo o mal-estar nacional afim de entregarem aos adversarios a fortuna publica. Outra cousa não tem sido este escandalo moageiral, no qual eu toco permanentemente, nanja porque embirre com essa classe sem motivo, mas porque a considero fóra da lei, à espera dum braço que a execute, applicando-lhe a pena de restituição dos seus bens collectivos e particulares ao país.

Os culpados da facilidade com que êles enriqueceram tem sido êsses singulares artífices da nossa ruina, que se chamam ministros da republica. Jámais êsses famintos de ha 13 anos — alguns nem camisa tinham para se apresentar — detiveram o passo às plutocracias; a êsse bando de ciganos que se instalou na Arcada lisongeava a companhia dos homens

de dinheiro e começaram todos a mergulhar nos gosos, tentados pelos convites e pelos presentes dos que exerciam a corrupção. Nunca tinham sido servidos por um criado nem sentido sob os seus pés um tapete, jámais se lhes dera a menor consideração, e, de repente, porque um exército apavorado desfaleceu, essa horda sacripanta, sem valor e sem fé, analfabeta e irritante, apoderou-se da vida nacional. O moageiro fez o seu jogo; o capitalista fez o seu geito, e êles, ao vêrem-nos, e ao receberem as luvas, imaginaram um negocio colossal, intensamente lucrativo, do qual pudessem obter mais gosos, fortunas e bem-estar. Os miseráveis meteram-nos na guerra e dela vieram combinações mais íntimas entre os homens do govêrno e antigos padeiros tornados moageiros. Alastrou o moageirismo; as suas fábricas tomaram metade da cidade, mas as suas influencias dominaram o país, mercê dos políticos republicanos que os serviam e servem de joelhos.

Sabe, então, aquele deputado, que os homens da Moagem são monarquicos? Como se comprehende, nesse caso, que os seus jornais sejam republicanos? Duvida do republicanismo dos periodicos moageirais? Se assim é, para que se serve deles num abuso de réclamo que chega a lembrar o das Pilulas Orientais para os seios, embora os elogios, desta vez, tendam a concertar estomagos??

Monarquicos, os homens da Moagem! Neste caso, são triplicemente traidores os ministros da republica. Como tal os aponta ao povo o sr. Camoesas, que se deve considerar seu cumplice, visto ter pertencido a um ministerio do qual êles receberam o melhor acolhimento. Não se admirem de lhes revelar que o *galejador* pertenceu a um ministerio. É verdade. Este esperançoso ministro da instrução ainda pode vir a dar num estudantesito aplicado.

Só em Portugal, onde os faladores teem a certesa de êxito na proporção das palavras que moem — cá vem outra vez a moagem — são possiveis semelhantes ascenções, e, mesmo porque é assim, não se deve ligar às palavras de tais sumidades mais valor do que um seu correli-gionario, de alta envergadura, lhes costuma tributar.

Um dia appareceu em Angola — não sei se sósinho se de companhia — o sr. Camoesas, que considera monarquicos os moageiros, e o alto comissario pareceu nem dar pela presença de tão importante demagogio.

Chegou, porém, o momento em que não poude mais ignorá-lo, porque o deputado, imaginando-se na Brasileira do Rocio, desejava que se soubesse de seu intenso amor aos pretos. Não exigia para êles um pouco mais de cuidado, menos chancela de servidão, mas — coitadinhos, êle tinha muita pena — desejava vê-los calçados. E, tomado duma visão de estetica colonial, achava que isso era melhor para o estrangeiro apreciar o grau de civilisação dos negros de nossas colonias. Não sei se o

sr. Camoesas tinha qualquer combinação com o acreditado sapateiro Can-deias ou se apenas se iluminára sob a acção do sol angolense.

O sr. Norton de Matos, ante aquella idéa dos indigenas calçados, franziu o sobr'olho, naturalmente teve vontade de mobilisar para uma machila o deputado do seu partido, mas foi mais cruel do que isso e menos atentatorio das imunidades parlamentares. Fixou o monoculo e deveu um grande favor ao sr. Camoesas, o de lhe ter inspirado o seu unico dito de espirito.

— «O rapasote não veio cá resolver a questão da mão d'obra, que tanto nos afflige, mas tenta, com certo fino, a do pé d'obra . . .»

Se tudo quanto o corifeu democratico imagina é como aquele fornecimento de calçado para os pretos, se tudo quanto escreve é como uma amostra que me caíu ha tempo sob os olhos e se tudo quanto afirma é como o dos moageiros serem monarquicos, nesse caso não é apenas o pé d'obra mas mais alguns, que sustentam sua pessoa.

Se aquella asserção sobre os moageiros fôsse verdadeira, seria caso de perguntar aos republicanos humildes porque razão os seus chefes auxiliam os inimigos do regimen, a ponto de os saberem seus adversarios e de lhes encherem as burras de dinheiro, enquanto levam o país a dar com os burros na agua.

A demissão de Sacadura Cabral

A profecia e a realidade — Psicologia dos políticos portugueses — Existem, na verdade, os penedos? — Os dois aviadores e o governo — Como os fados se cumprem

Os jornalistas de raça são, por vezes, tão vaticinadores como os poetas. Anibal Soares, ante o delírio para com os aviadores, teve um *suelto*, no qual, pouco mais ou menos, dizia o seguinte:

Regressados da sua viagem épica, alçados aos páramos, sentiram a idolatria fugaz que os latinos costumam conferir aos seus heróis durante momentos tão rápidos quanto de loucura são os brados nos primeiros impetos; depois começaram a atraí-los para os partidos políticos, numa disputa colossal, desejando todos conquistá-los, fazê-los ministros, como se em vez de terem realizado a travessia maravilhosa tivessem roubado algumas eleições ou fundado alguma carbonaria. Como fossem surdos às suplicas, aos rogos, às manifestações entrariam — os políticos — a desconfiar deles, porque quem não é democrático não passa dum ladrão de si mesmo e quem não é radical é um falassa ignobil, quem não pertence ao nacionalismo não pode ser sério e quem não é comunista, anarquista, fatalmente anda feito com os traidores à causa popular.

Era, pouco mais ou menos, esta a síntese do engraçado *suelto* do *Correio da Manhã*, o qual terminava por gritos de odio contra os aviadores e com este brado de desconfiança:

— E quem sabe lá se eles foram ao tal rochedo...?!

O cumulo dava-se de seguida:

— E quem sabe, mesmo, se ha o rochedo...

Seria esta a sorte dos ilustres aviadores, cujos nomes o mundo repetiu num grande entusiasmo.

Por enquanto ainda isto não sucedeu cabalmente mas já Sacadura Cabral, em termos energicos e maguados, pediu a sua demissão da armada, da qual é uma glória.

Porque os políticos — e entre êles a sr. Antonio Maria da Silva — que até se esqueceu de ir despedir-se deles na madrugada da travessia, apesar da qualidade oficial — miseravelmente enganaram as aspirações dos aviadores gloriosos em relação ás suas idéas ácêrca do que se devia à aviação marítima.

Mas, mais ainda! Foram defraudadas as verbas que se deviam apli-

car a esse intuito, não se distribufram os premios às guarnições que ajudaram na travessia, os quais teem todo o direito a essa recompensa, desdenhou-se tratar dignamente duma manigancia dos selos, que só aproveitaram a quem os mandou fazer, e, ainda por cima, em lugar de se pensar na armada, todos os cuidados se voltaram para o exercito, onde ha excelentes aviadores, como se prova com as heroicas mortes de muitos deles, mas que até hoje ainda não praticaram feito que se assemelhe sequer ao dos dois audazes officiais de marinha.

Tudo isto irritou Sacadura Cabral; Gago Coutinho, mais cheio de filosofia, voltou, naturalmente, a embrenhar-se nos seus calculos matematicos pretendendo tornar-se esquecido e bastando-lhe o seu feito para alegria do resto de sua vida.

Desapiedadamente, como um heroe à antiga, o mais novo dos aviadores disse ao ministro da marinha — que nunca fez cousa alguma — o que sentia, o que tinha na alma e isso levou o chefe a pretender castigar o subordinado o qual apenas deseja deixar de o ser.

Dentro em pouco os politicos erguerão a sua grita e este homem, que tanto elevou o nome da patria, começará a ser, talvez, um suspeito.

Hum... Ele que não se meteu nos partidos, ele que não se ligou ao pessoal mandante, ele que não telegrafa ao Afonso e descadeira o Antonio Maria, não pode merecer confiança à republica. Ideias reservadas o devem encher; largos projectos conspiratorios vivem em sua alma; é um rebelde, e, possivelmente, um traidor que merece a sorte de todos os que não concordam com a maneira de pensar dos soberanos da republica.

Debalde os marinheiros afirmarão que o viram no seu aeroplano — quando da Monarquia do Norte — lançar bombas e proclamações sobre as linhas dos revoltosos. Ninguem o demoverá e, assim como a revolução francesa não carecia de quimicos, tambem o estado portuguez não precisará de aviadores de marinha embora cobertos de gloria.

Vai a caminho de cumprir-se, totalmente, a profecia do Anibal Soares e qualquer dia veremos negada a existencia não só dos penedos, mas dos aviadores e, para não ficarem mal, os outros são até capazes de os matar.

A Ronda dos burgueses

Uma applicação do passado — As antigas Insti-
tuições — A acção a exercer-se sobre o comer-
cio — Os cidadãos de defesa — A politica ani-
quilladora

As Juntas de Paroquia deliberaram mostrar ao governo o horror da situação economica do povo. Por mais que se aumentem os salarios toda a gente se queixa visto, immediatamente, aumentarem os generos. As Juntas que reúnem a primeira expressão da vontade popular teem uma digna atitude que só não é aplaudida por quem não ama essas bases do municipalismo, tão tradicionais e tão dignas. Será, porem, inane êsse passo. Mais um cortejo, mais uns discursos. Ha outras cousas a fazer de mais positivo resultado.

Por mais que se queira fugir aos habitos do passado, para lá nos atiram, e eu recorro como, na defesa comum, eram interessantes o que se chamava no seculo XVIII a *Ronda dos Burgueses*.

Eram uns individuos, escalonados por suas ruas, que formavam uma especie de milicia dos bairros e faziam a sua vigilancia para que os rato- neiros ousados não dessem assaltos a seus cofres ou fidalgos atrevidos não lhes roubassem as filhas e as consortes. Gravemente, êsses embriões de cidadãos, armados de suas partazanas e chuços, velavam pela propriedade e pela moral, em grupos revesados de noite em noite.

Pois bem. Haveria alguma cousa a fazer, agora, não para zelar pela Ordem mas para garantir os nossos interêsses.

As Juntas da Paroquia poderiam agregar os cidadãos de diversas classes, mas para exercerem, todas as manhãs, a sua fiscalisação nas padarias, para a continuarem nas tendas, para a levarem até aos armazens e suas áreas e mesmo até aos grandes importadores. Os delegados escolhidos para estarem de semana fariam essa tarefa conscienciosamente. Verificariam o pêsso do pão, da carne, a qualidade dos generos, e cote- jariam os preços de compra do comerciante com os de venda, deixando ao intermediario apenas a margem para um lucro honesto.

Mais ainda. Saberiam as razões porque estão fechadas centenas de casas nas suas paroquias, porque não se alugam outras, porque ha escritos e tomariam as suas notas para a fazenda publica ácêrca dos alugadores de casas destinadas a negocios.

Ninguém melhor do que os proprios cidadãos duma rua sabe o que

nela se passa e a sua escolha, feita por um criterio de eleição, honraria quem assim se tornaria util aos seus concidadãos.

Ao mesmo tempo incumbir-se-iam — incumbir-nos-íamos, é o termo — de velar pela limpeza, de procurar remediar os males, formando uma grande milicia no campo da defesa dos interesses citadinos, aos quais todos deveríamos auxilio.

Todas as profissões teriam o seu lugar nesses grupos de vigilancia, tornar-se-ia mesmo materia de reparo não aceitar essa tarefa de algumas horas da manhã e duns momentos da noite na defesa do bem comum e, dêste modo, uma vida nova surgiria, porque o comerciante do bairro tornar-se-ia cauto, receoso de lhe vêr falhar a freguesia para a casa do colega, desde que se provassem suas fraudes e lhe fechassem o estabelecimento.

Ao comêço, ninguém — ou quasi ninguém — quereria aceitar esta missão, mas, no fim, tornar-se-ia até uma tarefa agradável, desde que se constatassem os seus beneficios.

O papel assim distribuido às Juntas da Paroquia seria uma faina, mas, ao mesmo tempo, uma honraria.

De resto estamos num país onde se tem que entregar à policia os funcionarios encarregados da cobrança dos renditos do Estado e que se vendem aos contribuintes e daí a necessidade de ir abolindo êsses cargos integrando tanto quanto possivel na sua acção os verdadeiros cidadãos.

A vida nas repartições publicas é, por vezes, tambem feita por gorgetas e como se uma grande corrupção alastrasse, uma enorme desconfiança reina. Por isso se chegou ao momento de apelar para os bons homens das diversas ruas, afim de repetirem, em prol do bem comum, essa *Ronda dos Burgueses* doutros seculos.

O comerciante, desde que se soubesse vigiado, teria maiores cuidados e tornar-se-ia difficil fazer as suas manigancias, porque uma constante atenção se fixaria nele.

Ha tanta cousa a fazer ou pelo menos a tentar! Trata-se dum pouco de boa vontade, da formação das comissões pelos arruados e tendo às suas ordens as autoridades para cumprirem o que as leis mandam em relação a falcatruas.

Doutro modo não passará duma teorica demonstração tudo quanto se fizer, não será mais do que um protesto da gente disciplinada a juntar aos dos revolucionarios mas os quais não podem influir nos governos, visto lhes falecerem os proprios meios para agir.

Pois qual é o país onde se lançam impostos novos, dos quais depende, em parte, a vida nacional e se vai constatar que os proprios delegados dos governantes, pagos para cobrarem essas receitas, são cúmplices dos que procuram fugir ao seu pagamento?!

Desde que se chegou a tal extremo o caminho é claro: está na junção dos cidadãos para esta alta tarefa que, no fim de tudo, a todos interessa e para todos é um beneficio.

Mas não se fará cousa alguma. A politica ha-de vir desmanchar o que se tentar neste terreno de defesa, porque se entrará a desconfiar dos cidadãos e acabar-se-ha por chamar a esta *Ronda dos Burgueses* um *soviet*.

Não se fará nada. Já no seculo em que as *Rondas* eram uteis, alguém dizia a respeito das nossas desavenças: Se querem vêr os portugueses vencidos, deixem-nos uns com os outros. Como seria interessante que as Juntas de Paroquia desmentissem esta psicologia!